

RAÍZ E RASTRO: SINCRETISMO RELIGIOSO E IDENTIDADE CULTURAL EM PELOTAS

AMANDA MARIN¹; MARTHA CRISTINA MELO²; BÁRBARA VENCATO OLIVEIRA³; FERNANDA FARINHA⁴; GIULIA LEMONS BRUM⁵;

LARA NASSI⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas – marinjornal@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthacristina.melo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – barbara.vencato29@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – fernandanichesfarinha@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – lemonsbrumgiulia@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – lara.nasi@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Em Pelotas, a fé ganha forma nas águas da Lagoa dos Patos. Anualmente, em fevereiro, milhares de fiéis se reúnem para uma celebração que ultrapassa fronteiras religiosas e mergulha em um simbolismo único: o encontro entre Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá. Conhecida como Princesa do Sul, a cidade carrega em sua história uma tradição que se mantém viva graças ao respeito e à devoção de comunidades distintas, mas que encontram no sincretismo uma maneira de dialogar.

O evento tem raízes que misturam o catolicismo trazido pelos colonizadores portugueses e as religiões de matriz africana preservadas ao longo de gerações. No passado, disputas e desentendimentos marcavam a convivência entre os devotos, mas a procissão fluvial, fortalecida nos anos 80 com o envolvimento da Colônia de Pescadores Z3, trouxe um novo significado à festa: o de convergência. Desde então, o encontro das imagens de Nossa Senhora e da Rainha do Mar nas águas da lagoa se transformou em um gesto simbólico de harmonia, cultivando respeito mútuo e fortalecendo laços comunitários.

Refletindo sobre o momento, a Raíz e Rastro, revista desenvolvida durante a disciplina de Comunicação e Cultura do curso de Jornalismo da UFPel, surge com o objetivo de se aprofundar nas raízes culturais de Pelotas e região. A primeira edição traz a história dessa tradição religiosa, construída a partir dos relatos de participantes e organizadores, tanto da procissão católica quanto da festa das religiões de matriz africana. As entrevistas e levantamentos mostraram que esse encontro ainda recebe pouca atenção da mídia. Nesse ponto, torna-se relevante recorrer ao pensamento de MARTÍN-BARBERO (1997), que destaca o papel das mediações culturais para compreender como práticas e tradições circulam fora da mídia hegemônica, sustentadas principalmente pelas comunidades que as vivenciam. Dessa forma, o propósito deste trabalho é registrar sua trajetória e dar visibilidade a essa manifestação de fé e cultura para que, assim, a comunidade possa reconhecê-la e valorizá-la.

A celebração de Navegantes e Iemanjá é expressão de resistência cultural, de memória coletiva e de esperança. É um momento em que pescadores, religiosos, turistas e moradores se encontram para homenagear suas imagens e orixás, e reafirmar a importância da diversidade espiritual no Brasil. A cada edição, a procissão se renova como espaço de encontro, aprendizado e

acolhimento, reafirmando que a fé, independente de sua origem, é capaz de aproximar e unir.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O desenvolvimento da Raíz e Rastro teve início no mapeamento de possíveis fontes. Visando uma reportagem rica em perspectivas, dessa forma, foram entrevistados representantes de ambas vertentes religiosas: cristã e de matriz africana. Posteriormente, assim como BRUM (2012), que entende que uma boa apuração acontece através da escuta e defende que um bom jornalista deve ceder espaço ao entrevistado, o presente trabalho buscou valorizar as vozes da comunidade envolvida, priorizando os relatos de fé, memória e resistência como fio condutor da narrativa.

Após a escuta, assim, deu-se início ao processo de escrita que, por sua vez, buscou expor contrastes e semelhanças entre as perspectivas relatadas. Dessa forma, assim como a reportagem conta com depoimentos de representantes de celebrações umbandistas, também registra a fala do pároco responsável pela Paróquia Santo Antônio. A tentativa de construir uma narrativa plural, que reconhece múltiplas vozes sociais, parte do proposto por TRAQUINA (2005) que trabalha a ideia de que o jornalismo não reflete a realidade, mas a constrói a partir de escolhas, mediações e enquadramentos.

Por fim, a identidade visual da revista propõe referências a símbolos marcantes do evento. Assim, a cor azul se destaca enquanto detalhe que remete à Lagoa dos Patos, onde as imagens de Nossa Senhora e Iemanjá se encontram ao final da procissão. A própria escolha do nome da revista, "Raiz e Rastro," sugere a união entre a história e as tradições (raiz) e o caminho percorrido por essas crenças (rastro). Já o uso de fotografias com enquadramentos dinâmicos e a presença de imagens das celebrações e dos devotos, como as fotos de Volmer Perez, servem para ilustrar e valorizar a harmonia e o sincretismo religioso, elementos centrais da reportagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho possibilitou um aprofundamento sobre a cultura dos moradores da cidade, especialmente daqueles que vivem nos bairros localizados às margens da Lagoa dos Patos, espaço tradicional e simbólico da região Sul do Estado. Ao longo do processo, alguns desafios foram encontrados na busca por fontes qualificadas e dispostas a compartilhar suas experiências. Ainda assim, o resultado alcançado teve um significado positivo já que decidimos falar sobre um momento de conexão entre fé, espiritualidade e diversidade religiosa, elementos que contribuíram diretamente para a construção da revista.

A proposta, que surgiu a partir de uma disciplina optativa do curso de Jornalismo, proporcionou mais do que aprendizado acadêmico, configurando-se como uma experiência prática sobre o papel da comunicação no âmbito municipal. Dessa forma, destaca-se a relevância de dar visibilidade tanto às pautas cotidianas quanto aos grandes projetos que compõem a vida da comunidade pelotense.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, E. Eu sou uma escutadeira. Entrevista concedida a Angela Zamin, Beatriz Marocco e Julia Capovilla. In. MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática: entrevistas**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012. p. 71 - 92

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

TRAQUINA, N. **O jornalismo: teoria e prática**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.